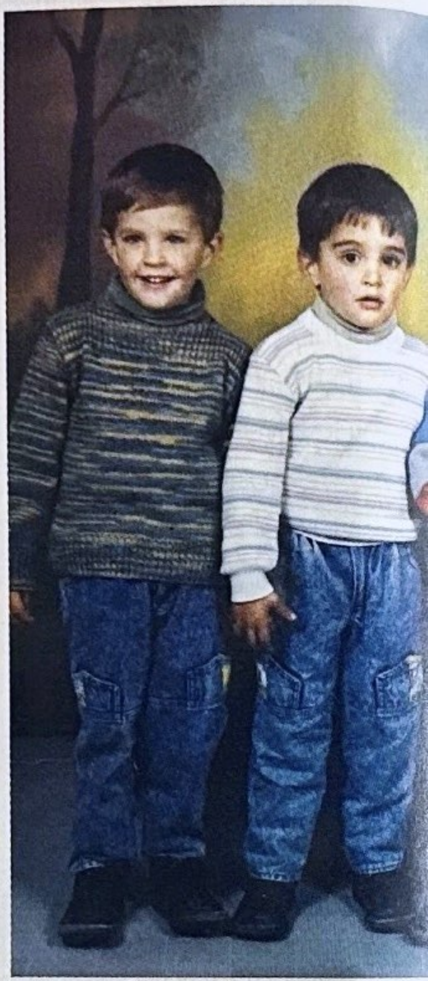
 Caso único nas forças de segurança em



Alexandre, Sérgio e Jorge nasceram e cresceram juntos. A profissão, ligada às forças militares, só os separou há pouco tempo

A HISTÓRIA DOS TRIGÉMEOS DA POLÍCIA

Aos 23 anos, Alexandre, Sérgio e Jorge Ramalheiro são verdadeiros operacionais. Depois de uma missão no Afeganistão, entraram para a PSP. Um deles passou agora para a GNR e pela primeira vez estão parados...

Caso único nas forças de segurança em Portugal: três irmãos unidos no nascimento e na vocação militar

Alexandre, Sérgio e Jorge nasceram e cresceram juntos. A profissão, ligada às forças militares, só os separou há pouco tempo

Os três irmãos em missão no Afeganistão

A HISTÓRIA DOS TRIGÉMEOS DA POLÍCIA

Aos 23 anos, Alexandre, Sérgio e Jorge Ramalheiro são verdadeiros operacionais. Depois de uma missão no Afeganistão, entraram para a PSP. Um deles passou agora para a GNR e pela primeira vez estão parados...

SÓNIA SIMÕES | TEXTO

Alexandre, Sérgio e Jorge tinham 12 anos quando anunciaram à mãe que não queriam mais vestir-se de igual. Sempre da mesma turma, na escola, e a partilhar as mesmas brincadeiras, os três irmãos mantinham gostos comuns. Queriam fazer o que viam nos filmes e, um dia, trabalhar num cenário de guerra enquanto operacionais das forças especiais.

Aos 18 anos, Sérgio deslocou-se ao centro de recrutamento e não hesitou em inscrever os três. Queriam entrar para os Comandos. Da vontade à concretização foram dois passos. Fardados, os irmãos voltaram a vestir-se de igual.

Durante seis meses de 2004, os trigémeos ajudaram-se uns aos outros e conseguiram, depois de muito treino físico, concluir o 103.º Curso. Poucos meses depois, surgia o primeiro exercício no estrangeiro, em Angola. Eles e um soldado eram uma só equipa na "missão de apoio à paz", recorda Jorge ao *24horas*.

Foi a primeira vez que Jorge e Alexandre se separaram das namoradas, também elas duas irmãs. E desde então, as duas estão "habituadas a passar temporadas" sem eles, como explica Alexandre, o único louro de olhos azuis do trio.

Alexandre a receber uma condecoração do ministro

Um ano depois, a missão era ainda mais exigente: integrar o contingente português no Afeganistão. Os pais, António e Leonilde Ramalheiro, não se opuseram. "Eles sabem que foi sempre o nosso sonho. Preocupam-se, mas tentam não demonstrar", diz Alexandre.

Perder um colega na guerra

Num cenário de guerra, o que mais custou aos três irmãos foi a morte de um colega de trabalho. Segundo recordam, quase em uníssono, o colega que morreu foi o que mais os ensinou como deviam comportar-se num teatro de guerra.

Eram 06h00 quando a equipa de Alexandre estava a patrulhar. Jorge estava de vigia e viu uma ambulância portuguesa e um helicóptero. "Será que se passa alguma coisa com o Alexandre?", perguntou para si

próprio.

Até saber o que tinha acontecido e voltar a ver o irmão, Jorge viveu os trinta minutos mais angustiantes da sua vida. “Temos de manter a calma e somos treinados para isso”, ressalva. Nenhum dos irmãos quer conceber, sequer, a ideia de que algo pode correr mal com algum deles.

De regresso a Portugal, os três irmãos pensaram no próximo passo a dar: entrar na GNR. Mas como o concurso para a PSP abriu primeiro, não hesitaram em concorrer. Passaram os testes com notas distintivas e estavam no curso quando abriu concurso para a Guarda. “Foi sempre o que quis”, lembra Alexandre.

A primeira separação

Então decidiram concorrer à Guarda. Haver mais de 16 mil candidatos para 1200 vagas não os assustou. Os testes físicos foram passados sem qualquer dificuldade. “Tínhamos o treino dos Comandos, estávamos bem preparados”.

Mas chegados aos psicotécnicos, Sérgio não conseguiu passar. “Não percebo como é que ele tem capacidades para uma missão no Afeganistão e não tem para entrar na GNR”, contesta Jorge.

Pela primeira vez ao longo de um percurso de vida em comum, uma dúvida atormentou os três irmãos: ficavam na PSP ou, pela primeira vez, separavam-se?

Jorge preferiu ficar ao lado de Sérgio. Os dois estão actualmente na PSP, colocados na esquadra de S. João da Talha, sob o Comando da PSP de Lisboa. Fazem serviço lado a lado e chegam a receber reacções inesperadas das pessoas que os chamam. São os dois praticamente iguais.

Alexandre foi em frente no seu sonho. Terminou o curso na Guarda com a melhor nota: 17,3 valores. Até foi condecorado pelo próprio ministro da Administração Interna, Rui Pereira. Os oficiais da GNR dizem que é um profissional promissor, elogiam-lhe a humildade e o perfeccionismo.

Os três irmãos integraram o contigente português no Afeganistão, a sua segunda missão no estrangeiro

Aliás, são essas as características que os irmãos lhe apontam. Os dois morenos “são tão parecidos fisicamente como psicologicamente, são lutadores e brincalhões”, refere Alexandre.

Alexandre, o louro, é o mais arrumado e organizado. Trabalha até à exaustão para conseguir aquilo que quer. “É um perfeccionista”, elogiam os irmãos.

Vestido com a farda da GNR, Alexandre conta, agora, que conseguiu entrar no Batalhão Operacional da GNR, no Regimento de Infantaria. “Quero voltar a fazer missões no estrangeiro”. Os seus irmãos, Sérgio e Jorge, anseiam pelo concurso para integrarem o Grupo de Operações Especiais, a equipa de elite da PSP. Afinal, os três são verdadeiros operacionais.